

**DIARIO de Walafredo Strabo**  
**aluno externo do Mosteiro de Reichenau (806-849)**



"Nunca o vira e o meu assombro foi grande quando vi pela primeira vez o edifício do mosteiro que devia habitar daí em diante. Causou-me grande alegria ver a multidão de camaradas e companheiros de jogo que me acolhiam afectuosamente. Também lhes dei com que se alegrassem, pois tudo me parecia novo e desusado; lentamente e fora de tempo imitava o que via fazer aos outros.

Daí a poucos dias, encontrei-me mais à vontade. Apenas me conseguira compenetrar da Regra comum, o "escolástico", Grimaldo confiou-me a mestre com quem devia aprender a ler. Não era só eu, mas havia vários outros meninos da minha idade, de classe nobre ou plebeia, os quais estavam todos mais adiantados que eu. A benévola ajuda e estímulo pessoal de meu mestre foram-me impelindo a consagrar-me com zelo a esta missão e, ao cabo de algumas semanas, logrei avançar tanto que não somente pude ler com certa desenvoltura o que escreviam na minha tabuínha encerada, como ainda o livro latino que me deram. Para complemento, entregaram-me um livro no meu próprio idioma, cuja leitura me custava grande esforço, mas trazia-me, em contrapartida, uma íntima alegria. É que eu ia lendo e compreendendo a um tempo, coisa que não sucedia com o Latim e, assim, estranhava muito ao princípio que se pudesse ler e compreender ao mesmo tempo o que se lia.

No Outono, durante a época da vindima, houve vários dias de férias. Saíamos com os nossos professores ao lago, ou dedicávamo-nos a colher maçãs debaixo das árvores carregadas de fruta, que rodeavam o mosteiro. Passados estes alegres dias, comecei a desenhar na minha tabuínha encerada as letras que tinha aprendido a conhecer e a juntar, operações em que nem sempre me acompanhou o êxito. No meu aborrecimento, procurei imediatamente variadas distrações, molestando os meus camaradas, o que, mais que uma vez, me trouxe censuras e castigos. Durante o Inverno, aprendi a escrever, e na Primavera do ano 816, quando contava 10 anos de idade, passei para a jurisdição do mestre de Gramática, o mestre Gerardo.

**Ano 816.** O primeiro trabalho que tive de fazer com ele foi aprender algumas fórmulas latinas para poder conversar neste idioma com os meus

camaradas. A maioria dos meus discípulos estavam já muito adiantados: uns no segundo, outros no terceiro e quarto anos de Gramática. Estes, afora as horas de recreio, deviam falar entre si sempre o Latim. Ao contrário, a nós, principiantes, permitia-se-nos utilizar a língua pátria para mutuamente nos entendermos.

Algum tempo depois, puzeram-me nas mãos a gramática de Donato, incumbindo um discípulo de mais idade da missão de me interrogar sobre ela, até eu aprender as oito partes da oração e as regras de seu uso. Durante as duas primeiras aulas, o professor impôs-se pessoalmente o trabalho de me ensinar como devia proceder para aprender estas palavras e formas analógicas. Daí por diante, já não vinha senão no fim das lições, para se informar dos meus progressos. Indubitavelmente que o satisfez o avanço que fiz em "Donato". Além disso, tive tempo de sobra para fazer toda a espécie de travessuras, molestando os meus camaradas. Estava persuadido de que o aluno que nos ensinava não podia castigar-me, e que me queria demasiado para me denunciar ao mestre no fim das lições. Não obstante, sucedeu às vezes eu exagerar a nota, e outros alunos que, num lugar diferente da sala, estudavam o segundo ou o terceiro curso de gramática, darem conta de minha façanha e com suas risadas chamarem a atenção do mestre que estava ocupado com eles. Este, à primeira vez limitou-se a lançar-me um olhar severo. À segunda, acercou-se de mim e perguntou-me se eu era assim tão esquecediço, e até me ameaçou levantando o dedo. Mas, sendo inúteis estas advertências, castigou-me, privando-me de uma porção da comida ou despregando as disciplinas da parede.

Todas as tardes, devíamos fazer exercícios práticos com as regras que tínhamos aprendido de memória pela manhã. O nosso chefe de secção, e nalguns casos o próprio professor, dizia-nos frases mais ou menos extensas no nosso idioma, e nós devíamos traduzi-las para Latim na nossa tabuinha encerada. Os termos eram-nos conhecidos pelo "Donato" ou pelas conversações quotidianas e, em caso de necessidade, devíamos consultar o professor. Como escrevíamos em ditado, sem ver as palavras, causava-me admiração que pudesse escrevê-las com bastante perfeição. À noite, liam-nos um fragmento da História Sagrada e dele devíamos dar uma descrição, na manhã seguinte.

Enquanto repassávamos pela segunda ou terceira vez o "Donato", terminou a construção da igreja próxima de nós. Entre o edifício da nossa escola e a clausura erguia-se a magnífica catedral. Quando cheguei a Reichenau estava totalmente construída, e os irmãos trabalhavam sem descanso na igreja de oração do interior. Finalmente, chegou o ansiado momento da consagração daquela magnífica igreja. Uma grande multidão tinha ocorrido à festa. Dois dias antes, o lago estava coberto de barcos, dos quais saltaram para terra senhores e cavaleiros das redondezas e de lugares afastados. Também vieram vários bispos e deputados da corte de Luís, pois o abade tinha sido bom amigo de Carlos Magno, pai do monarca actual. A catedral foi consagrada em honra de Maria, nossa amada Virgem, pelo abade bispo Hatto, em presença de todos os bispos

que, revestidos de pontifical, tomavam parte na festa. Apresentava esta um aspecto maravilhoso: 700 irmãos, 100 educandos da escola interna e 400 da externa formavam um coro como eu nunca tinha visto nem ouvido. Nas grades, o povo respondia às orações do bispo. Ali, pela primeira vez na minha vida, senti no meu interior uma emoção indizível, um ardor infinito: a grandeza e a bondade de Deus encheram a minha alma e fiz a resolução de me dedicar totalmente ao Seu serviço.

Desde aquele momento, o meu ser inteiro tornou-se mais manso, suscitando este facto a alegria de meus mestres, especialmente de D. Grimaldo, e a admiração de meus camaradas. Antes de regressar à sua sede episcopal de Basileia, o abade Hatto quis assistir aos nossos exames. As minhas respostas causaram-lhe especial satisfação. Com infantil simplicidade, fui falando àquele homem eminente, a quem poucos dias antes tinha visto em toda a sua magnificência rodeado de bispos, condes e cavaleiros, e que agora estava sentado diante de nós como um pai bondoso.

**Ano 817.** Durante o Inverno seguinte, dedicámo-nos à segunda parte da gramática, e daí em diante tínhamos de falar sempre em latim, incorrendo às vezes em erros que divertiam sobremaneira os nossos mestres e camaradas. Todos os dias nos liam um fragmento do Saltério, e nós escrevíamo-lo nas nossas tabuinhas enceradas. Depois, cada um devia corrigir as faltas do seu vizinho, e um dos alunos do quarto ano de gramática revia todos os trabalhos. Em seguida, repetia-se palavra por palavra, explicando-se tudo pormenorizadamente, e no dia seguinte devíamos saber o fragmento de cor. Deste modo, no decurso do Inverno e do Verão seguinte aprendemos todo o saltério. A partir de então, juntamente com os demais educandos, tomámos parte nos cânticos de coro dos irmãos. Nós, os educandos da escola externa, somente o fazíamos aos domingos e dias festivos, enquanto que os da escola interna, equiparados aos irmãos e em companhia deles, cantavam durante o dia inteiro, divididos em vinte e quatro secções, os louvores de Deus. Faziam isto no coro. Pelo contrário, nós conservávamos o nosso lugar, por não irmos vestidos com o hábito da Ordem, sem o qual ninguém podia penetrar no coro nem na clausura.

**Ano 818.** Neste ano, plantou-se na ilha a primeira videira, e quando terminámos felizmente os nossos exames em presença de D. Erlebaldo, saboreámos as primeira uvas. Com renovado entusiasmo, começámos a leitura de Alcuíno e dos Dísticos de Catão, que nos obrigaram a aprender a Métrica. Eu consegui um exemplar em que estavam reunidas a gramática de Alcuíno e a métrica de Beda. A outros deram-lhes a métrica de Vitorino, devendo nós conversar em presença do mestre sobre as regras da prosódia, e posteriormente sobre a arte poética. Nos poemas de Próspero e Juvenco, assim como nos de Sedúlio, que íamos lendo dois a dois, praticávamos repetidamente as regras aprendidas e íamos dando a nossa opinião ao professor nas lições nocturnas,

segundo a ordem de classe. Como exercício de memória, aprendemos os hinos eclesiásticos quotidianos e festivos, que em parte já nos eram conhecidos, pela frequente repetição dos mesmos. Durante o Verão, e por ordem também, começamos a ler no refeitório, preparando-nos a princípio, sob a direcção de um aluno mais adiantado. Experimentei então pela primeira vez um sentimento de inquietação, porque incorria em frequentes erros, e o corrector, que não deixava passar a mais pequena falta, corrigia-me várias vezes, até ao extremo de quase perder a confiança em mim. Nesta época, deixou-nos D. Grimaldo, que tinha sido director da nossa escola, e que juntamente com D. Tatto, outro dos nossos professores, foi enviado pelo abade Hatto ao mosteiro de Aniano. Por ocasião da sua partida, compuz a minha primeira carta em latim, na qual expressava o meu affecto e agradecimento, missiva que terminei com um dístico latino penosamente redigido. D. Grimaldo presenteou-me com um exemplar das Éclogas de Virgílio, que eu li repetidas vezes durante as minhas horas de descanso. A partir de então, dirigiu a escola Wetino, irmão de Grimaldo, e nesse cargo continuou até à morte, cujos pormenores, como direi posteriormente, descrevi em versos hexâmetros.

**Ano 819.** Para completar os nossos estudos de Gramática, incumbiram-me da tarefa de instruir os nossos alunos na forma como antes o haviam feito connosco. Entreguei-me a esta missão com tanto entusiasmo como êxito, grangeando por esta causa o singular affecto de Wetino. Ao mesmo tempo, o mestre Gerardo, professor de Gramática, foi-nos explicando as figuras e tropos de dicção, indicando-os ele primeiro na Sagrada Escritura; fazendo que logo os encontrássemos nós nos poetas que líamos, como Estácio e Lucano. Aqueles de entre nós que não tinham interesse nem vocação pelo ensino, ocupavam-se, sob a direcção do mestre, em copiar fragmentos das gramáticas de Prisciano, Mário Vitorino e Cassiodoro, ou exercitavam-se a compor frases latinas ou no seu próprio idioma, sobre temas tirados da vida diária ou da Bíblia. Utilizaram para este fim o livro dos sinónimos, que o mestre Gerardo havia composto entretanto para nosso uso, e que nos prestava os mais relevantes serviços na composição poética.

Nestes mesteres, chegou o momento em que os que passavam da Gramática à Retórica, em número de 32, tinham de se sujeitar aos exames de aproveitamento. Como preparação, repassámos, no fim do Verão, com nossos mestres, as três partes da Gramática: Etimologia, Ortografia e Métrica, e ainda a teoria das figuras e tropos de dicção. Em determinados dias, veio D. Erlebar do com os demais professores da escola interna e, na grande sala do nosso colégio, fez em pessoa, a cada um de nós, diversas perguntas sobre as matérias estudadas e sobre os escritores que havíamos lido. Finalmente, tivemos de dar exemplos de todas as regras. O exame versou também sobre as narrações do Antigo e Novo Testamento que havíamos cursado durante quatro anos e acerca do seu sentido e interpretação.

Os alunos que ficavam deficientes nalgum ponto eram convidados a instruir-se com maior precisão na respectiva matéria e os outros que tinham mostrado indiferença ou preguiça foram duramente admoestados por D. Erlebaldo que se apresentava então a nós como um homem de extraordinária severidade. Nem todos os meus condiscípulos passaram connosco a cursar os estudos de Retórica, mas alguns jovens nobres regressaram a suas casas ou foram tirados pelos pais para os instruírem nas artes da cavalaria, as quais não eram objecto de nenhuma atenção na escola monástica. Diariamente, podíamos ver cavaleiros e condes que se detinham na hospedaria do convento, mas não tínhamos nenhum contacto com eles. Só os clérigos e bispos vinham por vezes aos nossos aposentos para nos examinarem ou admirarem os nossos jogos. Sempre me hei-de recordar quão envergonhado me senti quando, por ocasião de uma corrida na presença de um bispo, caí no chão, provocando o riso de todos. A partir desse dia, desagradava-me o citado jogo e por isso preferi o jogo de dados daí por diante.

Durante os dias de férias, que neste ano foram mais agradáveis por causa de algumas pequenas excursões a fazendas pertencentes ao mosteiro, reencontrámos neste, com grande alegria nossa, D. Grimaldo e D. Tatto. Ao primeiro foi-lhe recomendado implantar na regra monástica aquelas reformas que julgava necessárias de acordo com a experiência adquirida no mosteiro de Aniano. Tatto, por sua vez, encarregou-se de nos iniciar nos segredos da Retórica.

**Ano 820.** No dia de S. Firmino, nosso santo patrono e primeiro abade (3 de Novembro), começamos os nossos estudos retóricos. Usávamos o tratado de Cassiodoro, que era já conhecido de quase todos nós, porque na aula de Gramática dávamos os capítulos relativos à especialidade, e, além disso, recomendavam-nos a sua leitura. Também comentámos e lemos os escritos retóricos de Cícero. Ao contrário, a leitura de Quintiliano era facultativa. Até então, se se exceptuam algumas pequenas cartas, não tínhamos feito redacções, mas, daí por diante todos os dias tínhamos de aplicar as diversas formas oratórias, tal como apareciam nos tratados. Estes trabalhos ocuparam-nos todo o Inverno..."